

# Um estudo sobre o conceito de espaço público em Hannah Arendt

André Boaratti<sup>1</sup>

## Resumo:

O presente artigo pretende desenvolver uma busca sobre a origem do conceito de espaço público no pensamento de Hannah Arendt. Para isso, foram selecionadas duas obras principais que auxiliam na compreensão sobre a trajetória do conceito: “Origens do Totalitarismo” (1951) e “A Condição Humana” (1958). A primeira não trabalha diretamente com a noção de espaço público, mas sim, Arendt investiga as condições que levaram a ascensão do Totalitarismo ao poder, e nesse sentido, a preocupação desse artigo consiste em destacar as conseqüências do advento do Totalitarismo para o espaço público. A segunda obra é a mais importante, de acordo com a proposta deste texto, pois, Arendt, com a sua Teoria da Condição Humana, trabalha detalhadamente a noção de espaço público como o lugar por excelência em que o homem alcança a liberdade<sup>2</sup> por meio do diálogo. Logo, é preciso destacar as categorias que compõem a estrutura do conceito de espaço público, bem como, os pressupostos que a autora se baseia para construir esse conceito.

Palavras-chave: espaço público, Totalitarismo, sociedade de massa e Hannah Arendt

## 1-O Totalitarismo e a sociedade de massa

Nesse primeiro momento, torna-se relevante destacar duas questões norteadoras pertinentes deste tópico: quais as condições político e sociais que tornaram propícias o surgimento do movimento totalitário? E quais os instrumentos utilizados pelo movimento totalitário para que este conseguisse se instalar como regime político?

Já do ponto de vista subjetivo da autora, todo o desenvolvimento teórico de Hannah Arendt é fruto de suas inquietações e experiências vividas como judia alemã refugiada do nazismo. E nesse sentido, a autora dedicou a sua primeira grande obra (1951) objetivando descortinar as raízes<sup>3</sup> ou as condições que levaram ao advento do Totalitarismo, como

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais e especialista em Filosofia Política, ambas pela Universidade Católica de Goiás. Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Liberdade, na concepção arendtiana, é a liberdade dos antigos, relacionada à polis grega, ou seja, ser livre é aquele que pode participar no espaço público por meio da palavra e da ação.

<sup>3</sup> Quanto às raízes do totalitarismo de esquerda (soviético), Arendt discute essas questões em obras que ainda não foram traduzidas para o português, tais como: Karl Marx and the

numa nova forma de governo e dominação fundamentados na “organização burocrática de massas, no terror e na ideologia” (LAFER, 2003, pág. 25).

O Totalitarismo, entendido como um fenômeno moderno, necessita de novas categorias que dêem conta de compreendê-lo na sua totalidade, e nesse sentido, e com essa preocupação, que Hannah Arendt promove uma grande inovação teórica por meio de uma sofisticada revisão da tradição dos clássicos da política. “A tradição ocidental não tinha nem categorias, nem respostas, pois o totalitarismo apareceu tanto como um desdobramento da utopia capitalista, quanto da utopia socialista, conforme mostram as suas vertentes nazista e stalinista” (2003). Hannah Arendt percebe essa lacuna e desenvolve novos conceitos, por meio dos quais, a autora possibilita uma melhor elucidação do tema, com a publicação da obra em 1951, a qual, Arendt investiga a gênese do fenômeno totalitário, partindo do pressuposto de que ele é fruto do anti-semitismo moderno e do imperialismo. Segundo Celso Lafer, O primeiro é

fruto das tensões entre Estado e Sociedade Civil, que surgiram na Europa a partir da Revolução Francesa, com a expansão da igualdade e a extensão da cidadania. Neste processo, os judeus, porque estavam vinculados ao fortalecimento do Estado, absorveram e catalizaram as irritações da Sociedade Civil. (LAFER, 2003, pág.25).

Logo, o anti-semitismo moderno serviu de base para a propaganda totalitária, a qual, percebeu claramente o distanciamento do povo judeu com o resto da sociedade e criou formas de manipulação que colocava o judeu como o pivô da crise que a Alemanha estava passando no período entre-guerras.

Já o imperialismo foi o “resultado da emancipação política da burguesia e surge quando esta deixa de se dedicar aos seus negócios privados e assume a gestão do Estado na Europa”. (2003, pág.26) A prática do imperialismo, como forma de administração política burguesa, provocou as condições que propiciaram o advento totalitário: o racismo, o

---

Tradition of Political Thought; Karl Marx and the Tradition of Western Political Thought: the Modern Challenge to Tradition e Karl Marx and the Tradition of Western Political Thought: The Modern Challenge to Tradition (2ª versão). Em português existem duas obras escritas por comentadores de Arendt que tratam desta questão: 1) André Duarte – O pensamento à sombra da ruptura – política e filosofia em Hannah Arendt (Paz e Terra,

expansionismo e a burocracia. O primeiro, fez com que o europeu se tornasse cada vez mais insensível com outros povos, logo, abriu-se a oportunidade para a prática do genocídio. O segundo seria o intento totalitário de internacionalizar o regime, e o terceiro seria o meio encontrado pelos burgueses de administrar a sociedade de forma cada vez mais autônoma e eficaz, excluindo cada vez mais a sociedade do poder, pois apenas os mais competentes poderiam ocupar cargos públicos. A partir desses breves apontamentos referentes às condições criadas para o surgimento do fenômeno totalitário, torna-se necessário uma leitura mais detalhada da obra (1951) de Hannah Arendt com o objetivo de compreender melhor a visão da autora sobre o tema analisado neste tópico.

Na parte III de “Origens do Totalitarismo”, cujo título é “Uma sociedade sem classes” (pág. 339), a autora relaciona, num primeiro momento, o poder totalitário como algo estreitamente dependente das massas (ARENDR, 1951, pág. 356). Uma das principais ferramentas utilizadas pelo movimento totalitário foi a propaganda, porém, Hannah Arendt não atribui esse fato como o principal determinante do Totalitarismo, mas sim, como um dos elementos que contribuiu para a instalação do mesmo ao poder. Neste momento, o que mais chama atenção da autora, é o que leva um homem comum a cometer atos violentos, e essa questão está ligada ao fato de que um cidadão, enquanto membro do partido, preocupado em manter o status dentro do mesmo, é o que leva muitas vezes à prática da violência. (1951, pág. 357). Na tentativa de se ascender dentro do partido, por meio do respeito e reconhecimento, o membro comum passa a praticar atos violentos. Segundo Hannah Arendt, a consequência direta disso é a “destruição da própria capacidade de sentir” e de perceber o outro (1951, pág. 358). Essa deturpação do homem em enxergar o outro, e sim apenas o seu âmbito individual, é resultado de uma crise estrutural dos regimes democráticos europeus logo após a I Guerra Mundial, como disse Hannah Arendt: “Depois da I Guerra Mundial, uma onda anti-democrática e pré-ditatorial de movimentos totalitários e semi-totalitários varreu a Europa” (1951, pág. 358).

Devido à crise nas instituições democráticas européias no período entre - guerras, houve uma profunda perda significativa, por parte dos cidadãos, do interesse em participar da política, sendo que aos poucos, foram se tornando cada vez mais “indiferentes com a política e ao mesmo tempo não se organizam politicamente em torno de um partido” (1951, pág. 361). O termo “massa”, sendo uma das categorias centrais no pensamento da autora,

define justamente essa característica marcante numa sociedade, em que as pessoas se conformam com a situação e se fecham em suas vidas privadas. Segundo Hannah Arendt, a sociedade de massa, constituída por seres incapazes de pensar em termos coletivos, foi um dos fatores que criaram as condições propícias à ascensão do movimento totalitário ao poder.

No momento anterior à instalação do regime totalitário, enquanto este consistia-se como um movimento político, tanto o nazismo quanto o comunismo e após 1930, recrutaram boa parte dos seus membros junto à massa, pois os mesmos eram facilmente convencidos em aderir a métodos violentos e não persuasivos (1951, pág. 361).

Mais uma vez, Hannah Arendt expõe a fraqueza do regime democrático em evitar o totalitarismo devido ao fato de que “as massas, politicamente neutras e indiferentes, podiam facilmente construir a maioria num país de governo democrático, e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas por uma minoria” (1951, pág. 362). Outro fator social que contribuiu para a ascensão do Totalitarismo ao poder, foi o colapso do sistema de classes, tanto na Alemanha quanto na Rússia, ou seja, a massificação da sociedade, pode ser explicada pela “sociedade competitiva de consumo criada pela burguesia, gerou apatia, e até mesmo hostilidade em relação à vida pública, não apenas entre as camadas sociais exploradas e excluídas da participação ativa no governo do país, mas acima de tudo entre a sua própria classe” (1951, pág. 363). Como consequência, o indivíduo gastava energia competindo, e dessa forma, afastava-se dos “exercícios dos deveres e responsabilidades do cidadão”, por isso, as pessoas passavam a pensar que a participação política era uma “perda desnecessária do seu tempo e energia” (1951, pág. 363).

Do ponto de vista da representatividade, a burguesia era a única representada no Parlamento, já a massa, tomada pela apatia e desarticulação política, não possuía nenhuma representatividade junto às esferas de poder. (1951, pág. 364). Logo, a atuação política é reduzida ao mero serviço público, ocupado pela burguesia, havendo uma significativa redução de um “corpo político de cidadãos que se sentissem individual e pessoalmente responsáveis pelo governo do país” (1951, pág. 364). A consequência da diluição das classes, ou até mesmo o desaparecimento das mesmas, fez com que houvesse uma crise de representatividade partidária. (1951, pág. 365).

Para que as massas fossem convencidas, diante de tanta imobilidade e indiferença, era necessário que os partidos totalitários apelassem ideologicamente nas suas propagandas,

na tentativa de agregar cada vez mais novos membros. (1951, pág. 365). Isso é fruto da consciência da “desimportância e da dispensabilidade que iam deixando de ser expressões da frustração individual e tornava-se um fenômeno de massa” (1951, pág. 365). A sociedade de massa é impossibilitada de formar um interesse comum, sendo a única coisa compartilhada, e sendo isso que a torna massificada, é a apatia seguida de comodismo político. É interessante ressaltar que, para Hannah Arendt, as principais características do homem pertencente a uma sociedade de massa é o isolamento e a falta de relações sociais (1951, pág. 367). Logo, o surgimento e crescimento de regimes totalitários depende “das condições específicas de uma massa atomizada e individualizada”. (1951, pág. 368).

O Totalitarismo, enquanto regime político, promove a dominação irrestrita e sem limites de todas as possíveis atividades autônomas por parte dos cidadãos. Consequentemente há uma nítida perda de participação política devido à captação das esferas de convívios autônomos na sociedade pelo regime Totalitário, e nesse sentido, o presente texto fará uma abordagem mais detalhada dos efeitos produzidos pelo Totalitarismo junto ao espaço público num momento posterior.

Retomando à questão da adesão de pessoas junto aos movimentos totalitários, Hannah Arendt chama atenção pelo fato de que a “lealdade só é possível quando a fidelidade é esvaziada de todo o seu conteúdo concreto” (1951, pág. 373). Ou seja, o que faz uma pessoa seguir as diretrizes de um movimento político fundamentado no uso da violência, seria justamente a lealdade em seguir as ordens. A lealdade sem limites, cega o indivíduo, fazendo com que este não enxergue as consequências dos seus atos, mas sim, apenas o que ele pode ganhar, dentro do partido em termos de reconhecimento e respeito. Com isso, Arendt resume essa questão numa frase comum da época: “minha honra é a minha lealdade” (1951, pág. 374).

Levando em conta que Hannah Arendt, em sua análise da gênese do totalitarismo na Europa, passa pela diferenciação do movimento totalitário com o regime, ela destaca o fato de que o primeiro se desacopla do segundo por meio da recusa, por parte de Hitler, em discutir os pontos de adequação dos interesses nazistas com os do partido, havendo aí uma exclusão do diálogo. Hitler, num de seus discursos, proferiu a seguinte frase que comprova esse fato: “Tudo o que vocês são, o são através de mim, tudo o que eu sou, sou somente através de vocês” (1951, pág. 374). Neste trecho de uma das falas públicas de Hitler, contém a idéia da incorporação, por parte do líder totalitário, dos interesses da massa e da personificação do poder, o qual, baseado na massificação dos interesses sociais em torno de

um interesse único.

Um dos principais artifícios utilizados pelo movimento totalitário foi a prática do terrorismo, o qual, atraiu tanto a *ralé* quanto os intelectuais. O terrorismo era visto como uma espécie de “expressionismo político”, seguindo a filosofia de que era possível expressar pela violência toda frustração, ressentimento e ódio cego, gerados pela crise entre guerras, pelo fato da Alemanha ter se saído humilhada da Primeira Guerra Mundial (1951, pág. 381). Logo, essa prática serviu principalmente, para atrair novos adeptos à causa do partido nazista, que consistia reconstruir uma Alemanha forte e que conseguisse liderar, através da violência, todo o bloco europeu.

Outro grande meio encontrado pelo totalitarismo, tanto para se ascender ao poder, quanto para se manter como regime político, foi a propaganda. Essa temática é discutida na segunda parte da obra de Hannah Arendt (1951), cujo o título é “Propaganda Totalitária” (pág. 390).

Num primeiro momento, a autora expõe a relação entre a propaganda e a doutrina ideológica, sendo a primeira, direcionada tanto externamente, aos países não totalitários, quanto às camadas sociais também não totalitárias. Já a doutrina ideológica é aliada direta do terror, o qual, cresce junto com os movimentos. O terror continua sendo empregado mesmo após a estabilização do regime totalitário, ou seja, mesmo a população aceitando totalmente o regime, o terror continua sendo aplicado como um instrumento totalitário para se manter ao poder. E o ápice da empregabilidade do terror pelo regime totalitário são os campos de concentração, e nesse ponto, a propaganda totalitária desaparece e somente o terror prevalece. Como diz Hannah Arendt, “o terror como substituto da propaganda alcançou maior importância no nazismo do que no comunismo” (1951, pág. 393).

O terror, implementado pelo movimento nazista dirigia-se contra “pequenos funcionários socialistas ou membros influentes dos partidos inimigos” (1951, pág.393) e teve efeito na população no sentido de convence-la de que era mais seguro pertencer ao partido nazista do que ser leal à república (1951, pág. 393).

Em termos de conteúdo da propaganda nazista e stalinista, a primeira baseia-se pelas “insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras contra todos os que não deram ouvidos aos seus ensinamentos” (1951, pág. 394). Já a propaganda comunista “ameaça as pessoas com a possibilidade de perderem o trem da história, de se atrasarem irremediavelmente em relação ao tempo” (1951, pág. 394).

A principal fundamentação útil à propaganda totalitária, foi o cientificismo, que se

faz presente até o momento da ascensão ao poder, após isso, o regime abandona esse ponto de vista. O uso deturpado da ciência como fundamento para a manipulação das massas tinha como pretensão maior a previsibilidade, apoiada em pressupostos positivistas, segundo Comte, o futuro pode vir a ser previsto cientificamente, e essa idéia advém do pressuposto de que o poder possui leis objetivas que podem ser descobertas. (1951, pág. 396). É o chamado método da “predição infalível”, cujo objetivo era tornar verdadeira suas profecias e provar ao povo a eficácia do regime, tornando-o inquestionável, já que ele se baseia em preceitos científicos.

Outro aspecto que chama a atenção de Hannah Arendt como um dos meios úteis à propaganda totalitária, é o seu apelo à ficção, sendo algo extremamente buscado pelas massas justamente pela fuga da realidade (1951, pág. 401). Nesse sentido, Arendt destaca, como consequência do uso da ficção pela propaganda, a perda do bom senso ou senso comum das massas. Um dos grandes objetivos da propaganda em adotar a ficção seria a construção de uma coerência, ou uma realidade palpável. Segundo a autora:

Antes de tomarem o poder e criarem um mundo à imagem da sua doutrina, os movimentos totalitários invocam esse falso mundo de coerências, que é mais adequado às necessidades da mente humana do que a própria realidade; nele através da pura imaginação, as massas desarraigadas podem sentir-se à vontade e evitar os eternos golpes que a vida e as experiências verdadeiras infligem aos seres humanos e às suas expectativas. A força da propaganda totalitária (...) reside na sua capacidade de isolar as massas do mundo real. (ARENDR, 1951, pág. 402).

Nesse sentido, a autora na última frase da citação, destaca o fato de que as massas, cada vez mais isoladas e desprovidas de meios de convivência, tornam-se vulneráveis à propaganda totalitária por meio da destruição do senso comum, como foi apontado anteriormente. Esse é um dos pontos de destaque para análise das consequências do totalitarismo para o espaço público, que será analisado no último tópico do presente artigo.

E o último grande método apontado por Hannah Arendt na propaganda totalitária, mais especificamente no caso do nazismo, foi o anti-semitismo. Retomando o que foi dito no início deste texto, historicamente os judeus foram um grupo protegido pelo poder político, separados da sociedade. Com o advento do Estado-nação e a gradativa crise do mesmo (pós-Primeira Guerra Mundial), os judeus, não como classe, mas como um grupo

diferente e alheio à sociedade, foi sendo assimilado pela mesma e com isso, foi-se construindo uma imagem negativa do povo judaico por parte da sociedade. O movimento nazista percebeu essa problemática, de que o judeu era um grupo à parte da sociedade, e construiu um discurso fomentando o ódio ao judeu, como um povo traidor, não pertencente ao povo e culpado pela crise econômica que a Alemanha passava no período entre guerras.

No contexto da propaganda nazista anti-semita, a estratégia utilizada para se responder a questão sobre qual seria o futuro papel do nazismo, foi o emprego dos “Protocolos dos Sábios de Sião”. O uso desses protocolos foi útil na organização das massas em torno do objetivo final, que seria a construção de um império mundial, a partir do princípio, alterado pelos nazistas, de que “tudo o que beneficia o povo judaico é moralmente correto e sagrado”, sendo reinterpretado da seguinte forma: “o direito é aquilo que é bom para o povo alemão” (1951, pág. 407 e 408). O ponto forte dos protocolos consiste em fazer a revolução a nível mundial, por meio da dominação dos povos pela organização. Com isso, os nazistas passavam a idéia, através dos protocolos, de que o primeiro povo a se organizar e combater os judeus, tomarão o lugar deles no mundo (1951, pág. 409).

O termo *Volksgemeinschaft* concentra toda essa visão, fundamentada principalmente na absoluta igualdade dos alemães (igualdade de natureza), tornando os outros povos diferentes e passíveis de serem dominados pelos alemães (1951, pág. 410).

### **1.1- O Isolamento como garantia de sobrevivência do regime totalitário:**

Na parte III intitulada “Totalitarismo”, mais especificamente no quarto tópico “Ideologia e terror: uma nova forma de governo” (1951, pág. 512) Hannah Arendt realiza uma abordagem mais profunda e detalhada sobre o isolamento provocado pelo governo da tirania. O terror, segundo Arendt, “só pode reinar absolutamente sobre homens que se isolam uns contra os outros e que, portanto, uma das preocupações fundamentais de todo governo tirânico é provocar o isolamento”. O isolamento, segundo ela, é o “solo mais fértil e sempre decorre dele” (1951, pág. 526). A característica mais marcante do isolamento, segundo a autora, é a impotência, o contrário da força, a qual, os homens agem em conjunto. “Os homens isolados são impotentes por definição” (1951, pág. 526), o seja, são incapazes de agir em conjunto e provocarem força, resistência, poder. Devido a essa incapacidade, à inoperância do agir em conjunto fruto do isolamento, uma sociedade



constituída por homens isolados, é chamada pela autora de pré-totalitária.

É interessante a diferenciação que a autora faz de solidão com isolamento, sendo a primeira um fenômeno da esfera dos contatos sociais, e o segundo fruto das relações políticas (1951, pág. 527). Com base nas próprias palavras de Arendt, o isolamento consiste num

“(…)impasse no qual os homens se vêem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruída (...) o homem, como *homo faber* tende a isolar-se com o seu *trabalho*, isto é, a deixar temporariamente o terreno da política”. (ARENDR, 1951, pág, 527).

Quando o homem isolado, incapacitado de agir, ou seja, um fabricante de coisas artificiais (*homo faber*), transforma-se em *animal laborans*, é nesse ponto que ele se torna um homem solitário, pois o único interesse que guia as suas atividades é se manter vivo, isolando-se de outros seres humanos. E nesse sentido, o totalitarismo, como uma forma de governo baseado numa sociedade constituída de *animal laborans*, destrói a esfera da vida pública por meio do incentivo e manutenção do isolamento dos homens. Mas Arendt chama a atenção para o fato de que não apenas a esfera de convivência pública é destruída no regime totalitário, mas também, como se não contentasse, a esfera privada também é atacada por meio da solidão, a qual, faz com que o indivíduo não se sinta mais pertencente ao mundo, e com isso, segundo a autora “não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros, ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma” (1951, pág. 528).

A partir do que foi exposto até o presente momento, sobre a obra “Origens do Totalitarismo”, tendo em vista uma abordagem que fosse relevante destacar as principais idéias da autora sobre o entendimento acerca do “esvaziamento” da esfera pública, devido à ascensão do Totalitarismo ao poder, o presente texto direciona-se no intuito de realizar o mesmo intento na obra “A Condição Humana”, a qual, especificamente trabalha com a noção de espaço público, do ponto de vista teórico.

## **2- A Condição Humana e as três esferas da *vita activa***

A partir das constatações feitas por Hannah Arendt e dos seus estudos referentes ao Totalitarismo (1951), a autora direciona-se na busca das origens, no âmbito das atividades humanas, os motivos que levaram o Totalitarismo ao poder e conseqüentemente ao esgotamento da esfera pública, através da obra, “A Condição Humana” (1958). Neste primeiro momento, é interessante realizar uma breve abordagem sobre as três esferas da *vita activa* e posteriormente, o texto enfoca especificamente a condição da ação como elemento estruturante do conceito de espaço público arendtiano.

No primeiro capítulo da obra, Arendt localiza as atividades humanas a partir das três dimensões da *vita activa*: o *labor*, o *trabalho* e a *ação*. A dimensão do *Labor* é tomada pelo processo biológico do corpo humano, sendo a dimensão essencialmente das necessidades vitais. O motivo pelo qual ocorre atividade neste contexto se dá pela busca da satisfação das necessidades de sobrevivência ligada ao metabolismo do corpo humano. De modo que esta atividade encontra-se condicionada ao infinito ciclo vital ligado ao processo biológico. “A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDR, 1958, pág. 15) Percebe-se então que o *Labor*, não permite em nenhum momento a participação política, pois a preocupação do assim chamado *homo laborans* é tão somente com relação a si próprio.

Com relação à dimensão do *trabalho*, este consiste na atividade correspondente à produção de elementos artificiais que ultrapassem o eterno ciclo vital, no qual a espécie humana se insere. O interesse por trás da atividade do *trabalho* é construir um mundo de coisas artificiais duráveis, que não sejam suscetíveis ao infinito ciclo biológico e, com isso, consigam sobreviver e permanecer no tempo. “A condição humana do trabalho é a mundanidade” (1958, pág. 15) Logo, esta dimensão da *vita activa*, bem como a anterior, não se preocupa com questões de interesse coletivo, apenas na atividade voltada à produção, sendo o *homo faber*, o homem fabricante de coisas, as quais, pretendem sobreviver ao tempo.

E, por fim, a terceira e última dimensão da *vita activa* é a *ação*, a qual é a atividade por excelência ligada à vida política, cuja preocupação fundamental pauta-se pela busca do bem comum. É a condição humana da *ação*, que leva em conta a pluralidade, bem como, o intercâmbio de idéias orientado ao interesse público. Para tanto, torna-se relevante destacar que nesta dimensão da *vita activa*, não há nenhum elemento mediador entre os homens, a não ser a própria linguagem. “A *ação* (...) corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (1958, pág.

15).

A partir do exposto, percebe-se que no âmbito do conceito de *ação*, como atividade humana ligada ao interesse comum, encontra-se a noção de participação política, bem como, de esfera pública em Hannah Arendt, pois, tanto o *trabalho*, quanto a dimensão da *produção*, enquadram-se no contexto da esfera privada. Somente a dimensão da *ação*, por ser motivada pela busca do bem comum através do uso do diálogo, contribui teoricamente para o entendimento acerca do conceito de espaço público.

É interessante notar que Arendt trabalha a noção de esfera pública a partir da retomada em relação à esfera pública da antiguidade clássica grega, a qual, era ocupada obrigatoriamente por homens livres, ou seja, por homens que não estivessem sujeitos à atividade do *Labor* e por isso tinham condições de atuar com questões de interesse público.

A partir da breve exposição acima sobre alguns dos principais elementos que constituem o pensamento de Hannah Arendt, torna-se relevante apontar que, a noção de esfera pública, nesta autora, encontra-se apoiada na dimensão da *ação*. Com isso, o texto neste momento direciona-se em analisar o capítulo V da obra “A Condição Humana”, que é inteiramente dedicada à terceira dimensão da *vita activa*, cujo título é a própria “*Ação*”, e que será tema de abordagem nas próximas linhas.

A pré-condição para que a ação ocorra de fato é a pluralidade humana, a qual, Arendt aponta a existência de um duplo aspecto: igualdade e diferença. Os homens compreendem a si mesmos porque são iguais, possuem a capacidade de realizar planos para o futuro com base em previsões das necessidades das gerações seguintes. E a diferença está em justamente na necessidade do discurso, do uso da palavra, para comunicarem suas necessidades individuais, as quais, tornam os homens diferentes uns dos outros. “Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas” (1958, pág. 188). A diferença emerge entre os homens somente no discurso, ou no uso público da fala, gerando a ação. Por meio do discurso e da ação “os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens” (1958, pág. 189).

Para Hannah Arendt, o homem somente é visto no mundo e desse modo deixando sua marca duradoura, por meio da ação discursiva, segundo a própria autora “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento” (1958, pág. 189). A ação inicia algo novo no mundo, devido à imprevisibilidade dos atos, por isso, a noção de “iniciativa” é um dos elementos que estruturam o conceito de *ação*.

Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar (como indica a palavra grega *archein*, -começar-, -ser o primeiro- e, em alguns casos, -governar-), imprimir movimento a alguma coisa (que é o significado original do termo latino *agere*). Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir. (ARENDT, 1958, pág. 198)

O que se deve destacar na noção de "iniciativa" é a novidade, a qual, seguida da imprevisibilidade que vai contra a "esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre surge sob o disfarce do milagre" (1958, pág. 191). O homem, dotado da capacidade da *ação*, pode-se esperar dele sempre algo novo nesse sentido, logo, é isso que o faz como um ser singular, de modo que cada nascimento e cada *ação*, espera-se o improvável. Seguindo essa linha, a *ação*, vista como o início, está ligada com a natalidade e o discurso é a "condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais" (1958, pág. 191). O Totalitarismo concentrou-se em aniquilar a capacidade do homem em agir, pois assim, seria muito mais simples manipular as massas já que os indivíduos isolados e conseqüentemente sem *ação*, não iniciariam algo novo, tornando possível o controle por meio da previsão.

A *ação* deve vir sempre acompanhada do discurso senão perderia sua capacidade reveladora, como coloca Hannah Arendt "em lugar de homens que agem teríamos robôs mecânicos a realizar coisas que seriam humanamente incompreensíveis" (1958, pág. 191). Logo, a *ação* só pode ter um início efetivo por meio das palavras. Na medida em que o homem se manifesta por meio do uso da palavra, ele se revela, mostra sua identidade pessoal e desse modo é visto no mundo humano por outros seres que também fazem uso da palavra. Essa *ação* discursiva, reveladora, que garante visibilidade do homem perante ao mundo, só é possível num espaço próprio para o desempenho desse tipo de atividade que leva em conta a pluralidade humana: o espaço público. Arendt demonstra isso com clareza na seguinte passagem: "a *ação* requer, para sua plena manifestação (...) e que só é possível na esfera pública" (1958, pág. 193). Outra citação bastante interessante é quando Hannah

Arendt coloca que "ao contrário da fabricação, a *ação* jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir" (1958, pág. 201).

O isolamento é algo marcante na sociedade de massa ou ainda, foi a pré-condição para que o Totalitarismo se ascendesse ao poder, pois, como diz Arendt na última citação, homens isolados são incapazes de agir em conjunto, tornando propício a manipulação ideológica por parte do regime totalitário (como foi dito anteriormente). O espaço público, como o lugar onde o homem se encontra para a prática da *ação* dialógica, e nesse sentido, criar resistências contra algo que o ameace, foi literalmente esvaziado, aniquilado pelo Totalitarismo.

E por fim, um último aspecto que chama a atenção no contexto do conceito de espaço público na visão de Hannah Arendt, é a centralidade da comunicação, ou ainda, a postura dialógica em que os atores exercem no espaço público. Na medida em que os atores se comunicam tendo em vista a obtenção de um acordo que beneficie a todos, o resultado disso constrói condições de autoridade<sup>4</sup>, a qual, garante a legitimidade das instituições. Nesse sentido, Arendt tem seu próprio conceito de poder, que seria um meio alcançado pela formação da vontade comum, a qual, só é possível por meio da *ação* dialógica. Celso Lafer, numa passagem de sua principal obra dedicada aos estudos sobre o pensamento de Hannah Arendt, resume tudo o que foi exposto:

Restaurar, recuperar, resgatar o espaço público que permite, pela liberdade e pela comunicação, o agir conjunto, e com ele a geração do poder, é o grande tema unificador da reflexão de Hannah Arendt. (LAFER, 2003, pág. 35)

A questão da comunicação não é apenas um elemento estruturante do conceito de espaço público arendtiano, muito mais que isso, a comunicação faz com que toda a obra de Hannah Arendt seja aberta, livre para estudos e interpretações a partir de diversos pontos de vista, enriquecendo ainda mais o legado teórico da autora, como coloca Lafer: "Esta crença na comunicação confere à obra de Hannah Arendt um caráter aberto, muito distante das imputações dogmáticas que lhe foram atribuídas por alguns de seus críticos" (2003, pág. 68)

## **Bibliografia:**

ARENDR, Hannah (1951) **Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

ARENDR, Hannah (1958) **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004

LAFER, Celso **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

---

<sup>4</sup> Autoridade deriva do verbo latino *augere* – aumentar, acrescentar, logo, a ação conjunta acrescenta legitimidade à vida das instituições.